

¿DÓNDE VAS DON QUIJOTE?

Maria Helena de Moura Arias*

■ Não foi por acaso que Arturo deixou sua casa. Também não foi por acaso que atravessou a rua a largos passos levando consigo seu guarda-chuva, a velha mala de couro e o cão. Em sua cabeça ainda estavam presentes as lembranças da última vez em que sonhou com Dulcinéia. Linda, com um vestidinho azul de suaves raminhos róseos, como seu rosto. Cabelos assanhados pelo vento, finos e breves, como seu sorriso. Agora pergunta para si mesmo. Onde estará a minha amada? Responde seguidamente: ela está lá para onde eu vou. Mas para onde vai? Repreende seu cão, puxa-o para perto de si dizendo para nunca mais atravessar a rua assim desse jeito sem olhar para os lados, pois poderia aparecer uma carrocinha em alta velocidade, com enormes cavalos de pernas fortes e então, o que seria dele? Viraria picadinho. Nunca mais faça isso. Nunca.

Com muita sorte poderiam chegar à estação antes da chuva. O céu virou-se contra o mundo e Arturo tinha muito medo, além de considerar que seu guarda-chuva não mais servia para grandes aguaceiros. Mas será que pegariam o trem? Sim. Porque ainda nem passava das 8 horas e o trem costuma passar por aqui às 10 e 15, quando deveria chegar 9 horas pontualmente. Sempre se atrasa, é um horror, tanta espera, por isso não há com o que se preocupar. Mas a chuva começou, fina e gelada. Vamos rápido. Arturo já sente seus sapatos molhados. Agora também os pés, pois há um enorme furo no solado. Mas a estação se aproxima, não deixa de ser uma proteção, além do que é para lá que está indo. Será que o cão poderá entrar no trem? Não havia pensado. Mas como não havia pensado no cão. Ele não sabe. Sempre pensou em Dulcinéia. Esqueça. Pense no cão agora. O que pode ser feito, ele não poderá viajar. Mas ela é tão linda. Não a vi ainda, me disseram ser tão linda. Um dia alegrou-se por

* Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita" (Unesp) – campus de Assis - SP. Trabalha atualmente na Editora da Universidade Estadual de Londrina. E-mail: helenarias@uel.br.

receber notícias dela. Que sorte teve em alcançar o carteiro que havia passado por sua casa e, não encontrando a caixa de correio, ia levando de volta, disse que não poderia deixar a carta jogada no quintal. Mas viu que a letra era dela, só podia ser. Não leu imediatamente, deixou para depois. Quando anoitecer, leio. Que letra linda. Mas a letra não era dela. Era de uma tia distante que disse ter visto a Dulcinéia lá por aquelas bandas. Por isso, estava viajando. Mas será que o cão pode entrar no trem? Alguém já olha com desconfiança. Não, disseram, os cães não são aceitos. Não posso ir agora. O que farei disse de si para si, acabrunhou-se e escorregou num canto. Roupa molhada, guarda-chuva escorrendo. O cão enrodilhou-se sobre suas pernas e ambos adormeceram.

No sonho que teve Arturo havia um lugar muito distante. Jamais tinha visto um lugar assim. Havia também um velho, muito velho mesmo, criador de cabras que disse ter se perdido naquelas montanhas e que fora enganado por alguns pastores que lhe levaram os cavalos e seu escudeiro. Escudeiro, o que será que era isso? Este velho é maluco, veja, ele tem um balde enferrujado em sua cabeça e pensa que aquele pedaço de pau é uma lança. O pior é que diz ser cavaleiro. Mas onde está seu cavalo? Levaram também, rocinante e a ruça, seus nomes engraçados. O velho queria logo contar muitas histórias e disse que aceitava sim que seu cão entrasse naquela casa esburacada. Mas Arturo ficou desconfiado, onde já se viu que histórias sem pé nem cabeça. Este velho só pode estar caduco quando disse ter encontrado uns gigantes pelo caminho e que havia uma pessoa de péssimo caráter que andava a imitá-lo pelas aldeias, mas era um embusteiro que mal sabia o valor dos livros e nem tinha tanta coragem como ele. Um farsante! Esbravejou, tremeu e caiu sentado no monte de palha de milho. Ah!Ah! Quis rir Arturo, mas teve pena. Teve raiva quando ele disse ser apaixonado por Dulcinéia. A sua Dulcinéia? Aquela ingrata. Nem quero mais vê-la, como pode ser assim tão cruel e eu que sou tão bom e simples. Seu velho estúpido. O velho disse que deveria voltar e contar suas aventuras para a bela Dulcinéia, mas que não podia ir sozinho, nem sabia o caminho. Arturo mostrou um caminho, ajudou o velho que sempre dizia que nem tinha fome, pois gostava de pensar nas coisas, fazer planos e sugerir soluções. Arturo descobriu que, na verdade, o velho gostava de ajudar os outros. Quem? Todo mundo que encontrava pela frente e que dizia estar em apuros. Mas nem sempre dava certo, e os dois acabavam levando uns bons cascudos dos ajudados que nem queriam tanto auxílio assim, quando não eram seus patrões que lhes desciavam uns catiripapos em suas pobres cabeças jogando os dois de boca na terra enlameada. O cão latia sem parar e abanava a cauda, parecia fazer chacota dos bobalhões, que imbecis estes humanos. O velho aos trambolhões vociferava contra os agressores batendo com sua vara por todos os lados, mas não acertando nenhum, como se cego estivesse, pegando em Arturo de vez em quando deixando marcas em seus braços. Que velho atrapalhado. Mas não abandonou o velho, com ele seguiu a procura de Dulcinéia. Será que ela estava em seu sonho? O tal velho disse estar cansado e pararam em uma estalagem na beira da estrada para repousar já que a noite vinha ligeirinha em seus passos de lacraia. O cão dormiu no tapete do alpendre que sorte ficar longe daqueles estouvados. O velho e Arturo se ajeitaram sobre alguns sacos de estopa, o velho reclamou muito das dores que lhe causavam as réstias de alhos e as batatas que sobravam dentro dos sacos. Mas dormiu ancho. Dali sonhou em silêncio, saiu pé ante pé nem vento na janela. Assustou-se com o barulho de um objeto gigante que soltava fogo pelas ventas, cavaleiro que era tinha que lutar, enfren-

tar este horrível dragão devorador de madeira e de gente. Arrepiou-se de coragem e se estatelou à frente da terrível criatura. Não foi rápido suficiente, mas lembra-se de que nada restou de si mesmo a não ser o balde que levava na cabeça. No susto adormecido, deu um pulo de canguru, pegou Arturo pelo pescoço e o sacudiu com vontade. Arturo jogou o velho para cima, desvencilhou-se num átimo e rogou as mais variadas e compridas pragas contra o pobre ancião que caiu sobre um monte de cebolas emboloradas. Era só o que faltava, este velho decrépito querendo me matar. Maldita hora em que decidi ajudá-lo. Depois começou a esmurrar os barris de vinho e de azeitonas. Com tanto barulho no depósito, quem seriam estes bêbados, devem ter tomado todo meu vinho, que mal agradecidos. Colocou os dois a pontapés e vassouradas para fora, arremessando em seguida a dita lança e o precioso elmo do velho que caiu não muito tardiamente sobre a cabeça descuidada de Arturo. Que dura é a vida de peregrinos do amor. Um tanto arranhados e com os joelhos em carne viva, saíram manquejando e o cão nem se dera por falta de seu dono, que bom este sono, alcançando-os muito depois arrastando um enorme cordão de lingüiças. Pega ladrão, disse o gordo dono da estalagem que nem se animou a perseguir o cão que já ia longe perdendo-se naquela curva enfadonha e já ensolarada. Quer uma lingüiça assada, disse Arturo ao velho que tinha o olhar distante. Seu olhar via a estrada, o que existia para além da estrada. Via o rio que manhosamente atravessa o pé daquele morro. Via o bloco verde do bosque e suas árvores alinhadas. Via a pequena vila e as chaminés de suas casas tristes. Quando se deram conta, estavam ambos olhando para lugar nenhum. O sol estava alto, mucho caliente, disse-lhe o velho, pelo meio do dia resolveram dormir, descansar da noite interrompida.

Noutro sonho estavam. Os dois no mesmo quadro, emoldurados em um castelo, muito grande com duque e duquesa, muita comida e almofadas. Os dois sendo servidos, os pés lavados pelas mais mimosas donzelas. Humm! Que cócegas... hihihhi... Depois surgiu uma senhora mui elegante seguida por um nobre de longos bigodes e peruca amarelada que diziam estar felizes pelas presenças de tão ilustres cavaleiros. Cavaleiros? Arturo espantou-se. Quem seriam, tão delicados. A ele presentearam com uma dourada chave da porteira de um sítio onde havia muitos colonos, apetitoso pomar, succulenta horta, árvores e casinhas iguais. Não entendia Arturo. Mas que diabos, não sei cuidar disso. Onde está meu cão. Apareceu o cão envolto em finos panos dentro de uma cesta cheia de saborosos ossos de galinha. Arturo ganhou também novas roupas. Botas de cano alto reluzentes. Um chapéu de bico e capa esvoaçante. Ah! E muita comida. Ervilhas, salsichas, pães, queijos, vinhos. Ah! Vida boa. Cuide agora de nós que precisamos bons conselhos. Há uma desavença ali na rua do meio. O garoto chutou a canela do guarda que respondeu com um apito que acordou o vizinho resmungão que resmungou alto e irritou a velha rabugenta de verruga na ponta do nariz que deixou queimar o tacho de doce que fez chorar a menina de olhos de pêssego. Chega! Vão todos agora para suas casas, está quase na hora do jantar. Estou com fome. Em silêncio, um a um, voltaram para seus cantos, o burburinho, devagar, devagar foi silenciando. Que ótimo rei nós temos. É um sábio. Mas o rei está muito gordo. Vai ficar mal. Vai ficar doente. Precisa de menos comida. Quanta hambre, hombre! Dizia-lhes Arturo já magro, magro. Seu cão, porém muito gorducho estava. Vamos embora, não quero mais ser rei. Já no castelo encontrou Dom Quixote, comendo do bom e do melhor, de gargalhadas com o casal de nobres. Contando suas peripécias, uma

tonelada de mentiras. Tudo invenção, que velho mentiroso, nem tinge a cara. Arrancou a colher da mão de Dom Quixote, que deliciava-se com um doce de figo em calda. Este gritou-lhe pare. Arturo. Ui, ui. Deu um salto de gato assustado e percebeu que segurava o velho pelos braços, acorde homem, chega de dormir, a aurora de patas rosadas aponta naquela direção.

Espere um pouco, que raio de sonho que não acaba. Quem é este velho que me persegue, dentro do sonho. Meu cão venha aqui, não se perca. Onde estará Dulcinéia? Veja, disse o velho, vem alguém daquele lado. São malfeitores tenho certeza, vão nos roubar. Deixa que vou derrubá-los com um golpe de lança. Queda-te aí, seu velho teimoso, não vê que são donzelas e mui bem acabadas, gorduchinhas de rosto vermelhinho. A sua graça. Felipa meu nome e minha ama Dulcinéia. Ah, finalmente Dulcinéia. Ela é tão linda, tão cheirosa, orelhinhas pequenas. Mimosas mãozinhas. Arturo olhou de soslaio para o velho que estava paralisado a sorrir, olhinhos brilhantes. Que assanhado, nem vergonha tem em sua idade. Estamos de passagem e precisamos que nos levem para casa. Assim será, vamos todos. Que feliz dia este. Minha rainha. Minha princesa. Mas porque apareceu de repente. Isto é um sonho, não vê. É tudo de mentira. Arturo então cruzou os braços, como quem diz eu não vou, nesta eu não caio mais. Mas o que há com ele, tão prestativo e de repente tão mal-educado. Ora essa, vai sim, disse-lhe o velho arrastando-o pelos suspensórios. Respeite as damas tão dengosas. Que seja.

Muito tranqüilos iam por um caminho diferente. Muitas flores e árvores bem frondosas com sombras dolentes. Um riacho manhoso. Caminho de mulheres. Quando de repente surgiu um cavaleiro de longos braços, ameaçando a tranqüilidade do passeio. Que refugando um cavalo muito negro, disse ser um parente do velho. Ninguém ouvia direito. Disse que ele era fraco da cabeça. Quem era fraco da cabeça? Arturo estava confuso. E que tinha ficado assim de tantos ler baboseiras, livros de histórias incontáveis. Você também lê histórias idiotas. Não eu, seu bobalhão ele, ele. O velho. Mas que tinha uma sobrinha e precisava ir embora, pois estava muito doente. Pois então vá. Ninguém está te segurando. Não há portas, nem porteiros. Não eu, mas que sujeitinho desagradável. É ele o velho. Está doente e precisa ir embora. Mas ele é tão querido e amável, reclamou Dulcinéia. Velho convencido, pensou Arturo que de ciúmes chutou uma pedra para o alto. Mas o que é isso? O cavaleiro pode levá-lo, não podemos fazer nada. Se está doente é melhor que se vá. Arturo tramava um plano, ele que nem idéias tinha. Ia ficar com Dulcinéia. Porque não havia pensado nisso. Leve a criada. Não, Dulcinéia voltava para seu castelo (ela disse ter um) mas acho que também é mentira. Pelo visto todos aqui te enganam Arturo.

Uhaaa!. Espreguiçou-se. Onde estão todos? Cão, venha cá. Acariciou-lhe as orelhas. Estamos ainda na estação. Foi mesmo um sonho. Onde estará a Dulcinéia? A cidade cinzenta abriga centenas de telhados avermelhados, um deles protege Arturo e seu cão. Olá Arturo. É seu amigo Sancho. Como estás homem, sumido mas não desaparecido. Perdeu o trem, não vê. Não se aborreça, Deus escreve certo por linhas tortas. Pare de se lamentar, não faça tempestade em copo d'água. Arturo, você nem imagina, tenho novidades na livraria, foi uma batalha mas consegui, porque água mole em pedra dura tanto bate até que fura, sei que vais gostar. É arte, meu caro, afinal nem só de pão vive o homem. Vamos rápido antes que a chuva recomece, acabei de conseguir um exemplar do Dom Quixote de La Mancha, aquele livro sobre o qual havia lhe falado.